

ARTES VISUAIS

Socialização do Mecenas

Mário Pedrosa

Os doadores de prêmios de arte, os colecionadores privados (ou não) mesmo quando não sejam aquilo que outrora se chamava Mecenas, têm função eminente na promoção das artes, na promoção das instituições artísticas, dos museus de arte, em suma. Essa banalidade tem, entretanto, suas implicações.

O outrora, o Mecenas protegia, paternalisticamente, um artista, e mesmo tal ou qual espécie de arte. Seu gosto pessoal, mesmo seu capricho ditavam as encomendas, os movimentos, a natureza de arte a fazer-se, e cumulavam os artistas, do alto de sua superioridade, com seus favores.

Hoje, nem os maiores milionários do mundo podem assim agir. Por isso mesmo, suas funções, apesar dos pontos de semelhança com as do Mecenas do passado, diferem profundamente. Antes de tudo, nenhum deles, sozinho, pode determinar o caráter, a modalidade da arte de seu tempo, ou, simplesmente, de sua cidade. Mesmo que tivessem recursos monetários para uma influência preponderante, não têm os outros meios imprescindíveis a manejar, por si só, o mundo cada vez mais vasto e mais complexo das artes.

As artes de hoje, como as demais atividades fundamentais do homem de nossos dias, não são limitáveis a um país, nem mesmo a uma região e muito menos a uma cidade. Essa impossibilidade de localizá-las, de fixá-las a determinada área geográfica, pequena ou grande, já dificulta o monopólio do mecenas.

Para atravessar fronteiras, por exemplo, é necessário recorrer a outras influências e poderes, quando mais não sejam a da burocracia e do Estado. E, hoje, quem disputa a hegemonia sobre as artes aos Mecenas não é outro senão o próprio Estado. Já nos países de economia estatizada ou socializada, o grande consumidor de arte é o Estado. Nos outros, o Estado não só adquire obras de arte mas faz encomendas, promove exposições, patrocina iniciativas — não sem dúvida, por amor às artes, mas pela compreensão a que chegou de que arte dá prestígio aos governantes, que a favorecem, no interior, e prestígio à Nação, no exterior.

O maior sintoma nesse sentido está na surda política nacional, que recrudescer, às vésperas e por ocasião das grandes manifestações artísticas internacionais. (Veja-se, por exemplo, o último caso das premiações da Bienal de Veneza). Outro sintoma importante é, ao inverso, em países de grandes tradições liberais e economia livre, a mudança gradativa de seus governos, que vão saindo de uma atitude neutra (clássicamente liberal) para uma atitude de mais a mais

interessada, para não dizer intervencionista. Os Estados Unidos mesmo são, nesse sentido, um exemplo típico. Não faz muito tempo que os seus governos não costumavam tomar conhecimento do que faziam os artistas americanos, nem do que se passava lá fora quanto às grandes atividades artísticas de significação internacional. Hoje, seus adidos culturais — eis aí uma instituição ou uma figura inteiramente nova no mundo da diplomacia! — se empenham por conhecer a vida artística dos países em que se encontram em missão, e velam, com zelo, para que o seu país não faça feio em nenhuma dessas manifestações, de âmbito mundial.

Os generosos doadores de hoje, os homens de posse que, por esnobismo ou real interesse artístico, não importa, contribuem com seu dinheiro para organizar exposições, adquirir obras, criar ou sustentar museus de arte, isto é, os que se aproximam da figura do Mecenas, vão tendo, cada vez mais, consciência de que seus esforços privados apenas não chegam para sustentar, ou dominar, as atividades artísticas de seu tempo e de seu meio.

Mesmo quando conseguem, como nos Estados Unidos, fundar e manter formidáveis instituições como, digamos, o Museu de Arte Moderna ou Museu Guggenheim, ambos de Nova Iorque, precisam juntar-se em grupo e reservar um fundo considerável para acobertá-los das variáveis contingências de uma só bolsa individual. E, mesmo assim, à medida que a entidade criada cresce, nessa mesma medida suas relações e correlações com o mundo oficial e o Estado crescem.

Nesse ponto, tem ela semelhança com as grandes corporações industriais e econômicas, as quais, apesar de produto de capitais privados, se tornam, pela força mesma de sua expansão, cada vez mais órgãos públicos *sui generis*. Assim, pois, como os grandes capitães-de-indústria de outrora, fechados num individualismo poderoso e terreno, vão desaparecendo para dar lugar a direções colegiadas e institucionalizadas, os candidatos a Mecenas de agora se vão, pouco a pouco, transformando, no seu nobre individualismo humanístico, em cooperadores, ao lado de corpos, cada vez mais complexos, de técnicos e peritos, de outras forças e influências sociais, políticas e administrativas no manejo desse mundo extremamente delicado e profundo, por suas implicações culturais e educacionais, que é onde medram as criações e os criadores de arte.